

Fé Cristã e Política: raízes idólatras das ideologias contemporâneas

Renato Alves Cordeiro¹

Leonardo Ferreira Gonçalves²

Resumo: Este artigo tem o objetivo de apresentar a idolatria das ideologias políticas contemporâneas. Questionar um tipo de fé messiânica nessas ideologias. Mostrar as suas fragilidades e insuficiências quanto as suas promessas de salvação. Conceitos como os de cosmovisão, ideologia e idolatria serão amplamente explorados. Serão expostas as principais ideologias conforme a abordagem de David T. Koyzis no Livro “visões e ilusões políticas”, dentre elas: democracia, conservadorismo, liberalismo e nacionalismo. Afim de delimitar ainda mais este artigo, será desenvolvido um tópico sobre o liberalismo, mais especificamente, uma crítica ao capitalismo, que é uma ideologia dentro do liberalismo. Tendo sido expostas à luz os problemas das ideologias, logo, será oferecido uma possível solução bíblica e teológica não ideológica fundamentada na cosmovisão cristã, especificamente no neocalvinismo holandês, para os dilemas da sociedade.

Palavras-chave: 1. Cosmovisão 2. Política 3. Ideologia 4. Idolatria 5. Fé 6. Cristã.

Abstract: This article aims to present the idolatry of contemporary political ideologies. Question a type of messianic faith in these ideologies. Show your weaknesses and inadequacies regarding your promises of salvation. Concepts such as worldview, ideology

¹ Renato Alves Cordeiro. Aluno do curso de bacharel em teologia na FTRB – Faculdade Teológica Reformada de Brasília.

² Professor orientador Leonardo Ferreira Gonçalves. Bacharel em teologia pela Faculdade Evangélica, mestre em Teologia pelas Faculdades EST e licenciando em filosofia pelo Centro Universitário Claretiano, pós-graduando em Filosofia Contemporânea. É coordenador pedagógico e professor de teologia na Faculdade Reformada de Brasília e professor no Centro de pós-graduação Russel Shedd.

and idolatry will be extensively explored. The main ideologies will be exposed according to the approach of David T. Koyzis in the book “Visions and Political Illusions”, among them: democracy, conservatism, liberalism and nationalism. In order to further delimit this article, a topic about liberalism will be developed, more specifically, a critique of capitalism, which is an ideology within liberalism. Having exposed the problems of ideologies, then, a possible non-ideological biblical and theological solution based on the Christian worldview, specifically on Dutch neo-Calvinism, to the dilemmas of society will be offered.

Keywords: 1. Worldview 2. Politics 3. Ideology 4. Idolatry 5. Faith 6. Christian.

Introdução

Esse tema faz-se de extrema importância por ocasião do cenário político atual no Brasil e o envolvimento, muitas vezes ingênuo, por parte dos cristãos, no cenário político. No ano de 2018 o país passou por um período de transição na política nacional, da esquerda para a direita, onde o partido dos trabalhadores, na pessoa do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva (2003-2011) e da ex-presidente Dilma Rousseff (2012-2016), que estiveram no poder por pelo menos 14 anos, para o partido social liberal (PSL), na pessoa do atual presidente Jair Messias Bolsonaro. Devido à crise política e econômica no Brasil, a ex-presidente Dilma sofreu o impeachment (2016), assumindo o vice-presidente Michel Temer interinamente (2016-2018). Nas eleições de outubro de 2018, os brasileiros revoltados e decepcionados por ocasião dos vários escândalos de corrupção, revelados pela operação lava-jato, no governo do partido dos trabalhadores e de vários outros partidos, elege o deputado Jair Messias Bolsonaro a presidência da república do Brasil. O atual presidente, eleito democraticamente pela maioria dos brasileiros, assume o poder com o discurso de implementar uma “nova política”, ou seja, uma política diferente dos seus antecessores. O Bolsonaro, em meio a campanha eleitoral de 2018 em Juiz de Fora – MG, ao se livrar de um atentado contra a sua vida, é praticamente comparado a um “messias” ressurgindo dos mortos para trazer salvação a nação.

Um partido de “esquerda” sai de cena, e passa o poder para um partido de “direita”. Todavia, tanto a esquerda quanto a direita, com as suas ideologias, têm os seus ídolos, embora, na maioria das vezes, estes estejam ocultos, disfarçados por trás de boas intenções.

Percebe-se na sociedade moderna a existência de dois extremos (claro, permeados por variações de diversos matizes): individualista: pró-mercado, politicamente de direita; e coletivista: em geral pró-estado, politicamente de esquerda. A questão é que ambos reificam metanarrativas modernas – mercado e estado, liberalismo e marxismo –, que por sua vez são ídolos do nosso tempo e, como tais, conduzem à idolatria e ao afastamento dos propósitos de Deus” (RAMOS, 2009, p. 146).

Há uma transição de fé idólatra da esquerda para a direita. A fé nas ideologias de esquerda foi transportada para as de direita, ou seja, os ídolos não foram excluídos, eles continuam presentes, só que agora nas ideologias de direita. O objetivo não é desprezar as causas defendidas pelas ideologias, as causas muitas vezes são legítimas, sérias e importantes, mas, olhando com um olhar religioso, percebe-se que a forma como essas causas são defendidas, a forma como se relacionam com essas causas é muitas vezes idólatra. O que as ideologias fazem, em alguma medida, é pegar as causas defendidas pelo evangelho só que sem o Deus do evangelho.

Esta pesquisa tem o objetivo de revelar a idolatria por trás das principais ideologias políticas presentes tanto nos partidos posicionados mais à esquerda quanto aqueles mais à direita. Questionar um tipo de fé messiânica nessas ideologias. Tendo em vista o cenário político atual, com um governo de direita, declaradamente liberal, é de extrema importância dedicar um tópico para expor o seu ídolo, o deus dos liberais. Exporemos essa cosmovisão chamada liberalismo, até chegar ao seu coração ou ao seu filho, o capitalismo.

Embora exista hoje muitas e distintas ideologias, este estudo concentra-se especificamente em expor as ideologias políticas contemporâneas. Essas ideologias políticas, segundo os teóricos nos quais este trabalho se apoia, não dão conta de responder e solucionar de forma integral os dilemas da sociedade. Será apresentada a cosmovisão cristã, o evangelho de Jesus Cristo, como aquele que tem a melhor resposta, a visão mais integral e consistente, para os dilemas da vida humana em sociedade.

O principal método que será utilizado para compor esta pesquisa é o bibliográfico e qualitativo. Os teóricos são especializados tanto na teologia quanto nas ciências políticas.

1. Conceituando Idolatria

A resposta do catecismo a pergunta “o que é idolatria?” é a seguinte: “idolatria é confiar nas coisas criadas, e não no criador, para nossa esperança e felicidade, relevância e segurança” (CATECISMO, 2017, p.81). Para Martinho Lutero, ter um deus “significa ter algo de que o coração da pessoa dependa inteiramente” (Ibid., p. 82). Segundo Timothy Keller “idolatria é amar qualquer coisa mais do que a Jesus Cristo. Idolatria é tratar qualquer coisa como mais importante que Jesus Cristo em nossa vida” (Ibid., p.82). Um ídolo é um falso deus, sobre isto as palavras de Keller são incisivas:

Um falso Deus é qualquer coisa que seja tão central e essencial em sua vida que, caso a perca, achará difícil continuar vivendo. Um ídolo tem uma posição de controle tão grande em seu coração que você é capaz de gastar com ele a maior parte de sua paixão e energia, seus recursos financeiros e emocionais, sem pensar duas vezes. Podem ser a família e os filhos, a carreira e o dinheiro, conquistas e aclamação da crítica, respeito e reconhecimento social. Pode ser um relacionamento amoroso, aprovação dos colegas, competência e habilidade, circunstâncias seguras e confortáveis, beleza ou inteligência, uma grande causa política ou social, moralidade ou virtude, ou até sucesso no ministério cristão. Um ídolo é qualquer coisa que você olhe e diga, no fundo de seu coração: “Se eu tiver isto, sentirei que minha vida tem um sentido, e então saberei que tenho valor, estarei seguro e em posição de importância.” Existem muitas formas de descrever esse tipo de relação com algo, mas talvez a melhor descrição seja a palavra adoração. (KELLER, 2016, p.15-16)

Progredindo nesse contexto, Timothy Keller ainda traz uma definição mais ampla do que de fato é o pecado; “pecado não é apenas fazer coisas más. É transformar as coisas boas em coisas primordiais” (CATECISMO, 2017, p.83). Nesse sentido, idolatria tem relação com tudo, desde de um bem material, a uma personalidade e até um partido político. “Qualquer coisa pode se tornar um falso deus, especialmente as melhores coisas da vida” (KELLER, 2016, p.15). Provavelmente, a palavra que mais se aproxima dessa ideia, de modo geral é “autonomia” em relação a Deus. É rejeitar a Deus e se tornar senhor de si mesmo, construir o seu próprio caminho rumo ao ideal humano e conseqüentemente se

tornar um ser autossuficiente. É achar que as respostas e as soluções para os dilemas humanos e das sociedades estão dentro de si ou no mundo e não em Deus.

Concordando com essa definição de pecado e ecoando o capítulo primeiro da carta de Paulo aos Romanos, Leonardo Ramos nos diz que “a idolatria se apropria de parte da criação de Deus, elevando-a para além da fronteira que separa criador de criatura, transformando a criatura em um tipo de deus” (RAMOS, 2009, p.142). Há uma tendência a se ter uma compreensão superficial com relação ao pecado da idolatria, mas biblicamente ele é bem mais profundo do que se imagina. Não se deve reduzir a idolatria a adoração de imagens e objetos; esse é apenas um dos desdobramentos da idolatria.

Leonardo Ramos faz algumas observações muito importantes, a primeira é que “a primeira proibição expressa no decálogo é justamente a da idolatria - não terás outros deuses além de mim (Ex. 20.3)” (Ibid., p.142). Esse foi o primeiro mandamento de Deus para o seu povo, contrastando com a diversidade de deuses que eram adorados no Egito. “Nós nunca quebramos os demais mandamentos sem quebrar o primeiro” (KELLER, 2016, 146). “As escrituras apontam que todo pecado é uma expressão do pecado básico da idolatria, de se colocar algo no lugar de Deus” (RAMOS, 2009, p.142).

A idolatria é o pecado básico, é a fonte dos demais pecados, ou seja, todos os outros pecados tem a sua raiz no pecado da idolatria. Segundo é que “as pessoas vão se tornando gradualmente semelhantes aos seus deuses” (Ibid., p.141). “Transformamo-nos no que idolatramos” (KELLER, 2016, p.113). Por exemplo, alguém que tem o dinheiro por deus, será cada vez mais ambicioso, ganancioso, egoísta e avarento. Esse ídolo interno, oculto no coração, o transformará nessa pessoa. “Nós nos tornamos o que adoramos porque adoramos o que amamos” (SMITH, 2017, p.45). Afim de ilustrar esse ponto, a transformação que Eustáquio sofrera na famosa ficção de C. S. Lewis – A viagem do Peregrino da Alvorada em As Crônicas de Nárnia: “Ao dormir sobre o tesouro de um dragão, com pensamentos gananciosos, típicos de um dragão, ele próprio acabara se transformando em dragão” (LEWIS, 2009, p.443). Essa compreensão encontra base nas escrituras:

Têm boca, e não falam; têm olhos, e não veem; tem ouvidos, e não ouvem; têm nariz, e não cheiram. Suas mãos não apalpam; seus pés não andam; som nenhum lhes sai da garganta. Tornem-se semelhantes a eles os que os fazem e quantos neles confiam. [Salmos 115.5-].

Agora que se sabe o que os ídolos fazem com os seus adoradores, é necessário expor a raiz do problema. Dores de cabeça podem ser apenas um sinal de que algo está errado, um analgésico pode tirar a dor por um momento, mas, se quiseres resolver de uma vez por todas o problema das dores, é necessário descobrir o que as está causando. Com os ídolos não é diferente, tem que se chegar à raiz do problema para solucioná-lo.

1.1 A raiz do Problema

Progredindo nessa compreensão da amplitude e da profundidade do pecado da idolatria, segundo Keller, ecoando o pensamento do reformador João Calvino “a resposta da Bíblia é que o coração do homem é uma fábrica de ídolos” (KELLER, 2016, p.13). Perceba que o problema não está no mundo ou nas coisas criadas em si, mas no próprio ser humano. Toda a criação é muito boa (Gn. 1.31) e reflete a glória de Deus (Sl. 19.1). O problema está no ser humano, que a partir de sua desobediência trouxe o pecado ao mundo, e com isso toda a desordem e caos.

O ser humano vive em uma profunda crise de identidade. A verdadeira identidade do ser humano no Criador foi distorcida pela queda. Quem somos? O que nos define? A tradição cristã identifica a identidade do homem no fato de ter sido criados a imagem e semelhança de Deus. “O problema fundamental deste mundo é que não entendemos quem realmente somos – filhos de Deus criados a imagem dele” (DRISCOLL, 2014, p.12). A verdade das escrituras é clara: “Porque dele, por ele e para ele são todas as coisas” (Rm 11.36). A criatura tem sua origem e fim em Deus, criados por ele e para ele. A síntese da antropologia agostiniana concordando com a palavra de Deus diz: “fizeste-nos para ti, e inquieto está o nosso coração, enquanto não repousa em ti” (AGOSTINHO, 1997, p.19). Segundo James Sire “nos termos bíblicos, o coração é o elemento central e definidor da pessoa humana” (SIRE, 2018, p. 26-27). Nesse sentido, para James Smith:

O centro da gravidade de nossa identidade fica localizado no coração: na região visceral de nossos anseios e desejos, na região mais profunda do kardia. São nossos desejos que nos orientam e direcionam a algum telos final que consideramos ser uma boa vida, a versão do reino para a qual vivemos voltados. Ser humano é ser um amante e amar algo acima de tudo. (SMITH, 2017, p. 36)

Nesse sentido, o ser humano é tanto um ser religioso como teleológico. Como ser religioso, criados para adorar e amar algo acima de tudo; “adoração não é apenas um aspecto de nosso ser, mas a própria essência de quem somos” (DRISCOLL, 2014, p.16). Como seres teleológicos há um alvo, uma meta, um fim.

Ser humano é ser para algo, direcionado para, voltado para. Ser humano é estar em movimento, em busca de algo, atrás de algo. Somos como tubarões existenciais: precisamos nos mover para viver. Não somos apenas recipientes estáticos de ideias, e sim criaturas dinâmicas voltadas para algum fim. Em filosofia, temos uma expressão abreviada para isso: algo orientado com vistas a um fim ou telos (uma “meta”) é descrito como “teleológico”. Agostinho acertadamente reconhece que os seres humanos são criaturas teleológicas. (SMITH, 2017, p. 28)

Entende-se então que a adoração é algo inevitável; que é impossível não amar; isso faz parte da estrutura da criação. Nesse caso, Deus é o objeto desse amor e adoração. É nele que se deve confiar, descansar, deleitar e em última instância, esperar. A resposta para os dilemas humanos e problemas das sociedades está no Deus-triuno. É necessário um redirecionamento, uma reorientação da nossa adoração e amor para Deus e não para os deuses falsos e rivais.

Deus nos criou para si e nosso coração é concebido para encontrar seu objetivo nele. Ainda assim, muitos passam seus dias ansiando incansavelmente por deuses rivais, buscando freneticamente reinos adversários. Os anseios subconscientes de nosso coração são focados e direcionados para outros lugares; nossa orientação é torta; nossa bússola erótica é defeituosa e nos dá direções equivocadas. (SMITH, 2017, p. 42)

Quais são esses falsos deuses ou esses deuses rivais que concorrem com o Deus verdadeiro na sociedade contemporânea? Com certeza são muitos. Podemos deificar qualquer coisa. Mas o objetivo principal desta pesquisa é concentrar-se em identificar os deuses ocultos por trás das ideologias políticas. “O segredo para mudar é identificar e desmontar os falsos deuses em seu coração (KELLER, 2016, p.146)” e na presente cultura. É necessário identifica-los, expô-los e condena-los. Mas esta não é a solução final para a idolatria, não é excluir um falso deus, precisamos substituí-lo pelo verdadeiro Deus; “se você extirpar o ídolo e fracassar ao plantar o amor de Cristo em seu lugar, o ídolo irá crescer de volta (Ibid., p.150)”.

Agora, é da mais extrema importância, tratar a respeito do conceito de ideologia, já que neste trabalho está sendo construída uma crítica as ideologias. Esse é o tema do próximo tópico.

2. Conceituando Ideologia

Afinal de contas, o que é ideologia? Esse conceito sofreu variações ao longo do tempo. Esse conceito será abordado desde a sua origem até aos dias de hoje. Para David Koyzis, a palavra “ideologia” tem a sua raiz em Platão e Aristóteles (KOYZIS, 2014, p.20). Mas a maioria dos estudos sobre ideologia ligam o conceito a Antoine Destutt de Tracy (1754-1836), que cunhou o termo no século 19. “Para Destutt de Tracy, a idéologie seria uma ciência geral das ideias, na qual utilizamos o método científico no intuito de compreender melhor o processo pelo qual as ideias se formam” (Ibid., p.20). “Todo saber que não seja imediatamente fundamentado na experiência dos sentidos deve ser rejeitado por não ter base científica” (Ibid., p.20). Nesse sentido, “a idéologie de Destutt de Tracy deveria ser, portanto, rigorosamente empírica, excluindo fenômenos como as experiências religiosas ou místicas, que a rigor não são ‘experiências’ de modo algum, pois não se fundamentam na sensação” (Ibid., p.20). Em Destutt de Tracy ideologia ainda tem um sentido positivo, pois se restringe ao campo dos estudos da formação das ideias, diferente de outros pensadores, que verão em um sentido negativo. Leonardo Ramos define ideologia da seguinte forma:

Ideologia pode ser definida como uma rede de regras – dotada de certa permanência e estabilidade – que estabelece o vínculo social, produzindo noções, representações, formas de discurso e pautas morais. À ideologia é conferido o atributo de visão correta, sustentando, assim, os discursos hegemônicos (RAMOS, 2009, p.140)

Para Karl Marx (1818-1883) e Friedrich Engels (1820-1895) “ideologia é uma falsa consciência, um fenômeno que inclui a política, o direito, a moral a religião e a metafísica” (KOYZIS, 2014, p.21). Essa falsa consciência tem o objetivo de justificar determinada ordem social. A ideologia surge como um subproduto da luta de classes. Koyzis continua a dizer sobre a visão de ideologia de Marx e Engels:

Em qualquer etapa particular da história, seja o feudalismo ou o capitalismo, uma classe sempre domina a outra e usa o poder à sua disposição para manter a classe dominada sob controle. Numa sociedade capitalista, para que o domínio da burguesia se perpetue, o proletariado deve acreditar que sua condição opressiva de vida é melhor do que realmente é. [...] Em outras palavras, a burguesia precisa criar e manter uma ‘falsa consciência’ no proletariado para impedir que ele adquira a verdadeira consciência ou percepção das causas verdadeiras dessa opressão. (ibid., p.21)

Karl Mannheim (1843-1947), sociólogo alemão, traça uma distinção entre a ideologia, entendida basicamente como uma força de conservação, e a utopia, uma força em prol da mudança social.

Formulando o que chama de ‘sociologia do conhecimento’, ele argumenta que a ideologia, consciente ou inconscientemente, mascara a realidade concreta de uma cultura, de uma era ou da vida de um indivíduo. Em sua forma específica, a ideologia consiste em ‘opiniões, proposições, declarações e sistemas de ideias’ que não devem ser considerados ao pé da letra, e sim ‘interpretados à luz da situação de vida daquele que os expressa’. Nesta forma total, a ideologia descreve a cosmovisão [Weltanschauung] de um ‘grupo concreto histórico-social’ ou de uma época histórica particular. (Ibid., p. 22)

Tanto para Hanna Arendt (1906-1975) como para Bernard Crick (1929) a ideologia está ligada ao totalitarismo. “As ideologias tentam fornecer uma explicação total do mundo e de sua história e, portanto, toda ideologia contém elementos totalitários” (Ibid., p.24). “Elas leem toda a realidade por meio de uma só ideia central, negando a possibilidade de que qualquer conhecimento genuíno seja alcançado por meio da experiência, à parte dessa ideia” (ibid., p.24).

Para Václav Havel (1936-) “a ideologia alega oferecer ao povo um sensu de identidade e dignidade quando, na verdade, tira dele isso tudo” (Ibid., p.25).

É um mundo de aparências disfarçadas de realidade. Ela constrói um universo que absorve todas as pessoas numa pseudorealidade autocontida em que a escravidão se disfarça de liberdade, a censura de livre expressão, a burocracia de democracia e o poder arbitrário de autoridade legítima. (ibid., p.25)

É basicamente, apenas para Destutt de Tracy que a ideologia é retratada positivamente, porque para ele ela tem um significado diferente, mas para todos os outros pensadores expostos até aqui ela é retratada negativamente e extremamente prejudicial para a realidade. Esses outros “concordam com a visão geral de que a ideologia envolve algum tipo de pensamento errôneo, uma falsificação da realidade” (Ibid., p.25). Tendo sido apresentados essas visões gerais a respeito do conceito de ideologia, afinal de contas, o que a fé cristã diz ser a ideologia? “Concordo com a tradição que vê a ideologia como um tipo de falsa consciência e pretendo defender a tese de que ela tem sua raiz na categoria bíblica da idolatria” (Ibid., p.27). “Creio que é possível defender racionalmente a ideia de que o fenômeno conhecido como ideologia tem, de fato, origem na religiosidade idólatra” (Ibid., p.27).

2.1 Raízes históricas das ideologias

Agora, o foco será concentrado em expor as raízes históricas das ideologias contemporâneas.

É preciso expor as bases históricas das ideologias, ou seja, não há nada de novo nelas, antes, elas são influenciadas pelo passado. Houve uma mudança de cosmovisão da idade média para a modernidade e isso tem tudo a ver com o solo onde as ideologias nasceram.

A sociedade contemporânea, comumente denominada de pós-modernidade (superção da modernidade), visão esta que é criticada por alguns estudiosos, estes vão denominar a sociedade contemporânea de hipermodernidade (Gilles Lipovetsky), modernidade tardia (Anthony Giddens) ou modernidade moderna (Francis Schaeffer), ou seja, o que há hoje é uma exacerção dos dilemas da modernidade ao invés de uma superção.

Existem várias cosmovisões reinando no mundo, mas a cosmovisão cristã e a deísta, que é secular, são de extrema importância para esta pesquisa, pois elas são a base da transição entre a Idade Média e a modernidade. O sentido de “secularização” empregado aqui significa, de acordo com Koyzis “a rejeição crescente da fé cristã pela sociedade como um todo” (KOYZIS, 2014, p. 30). Koyzis continua dizendo:

A Europa pré-moderna foi cabal e permanentemente cristã em todas as suas veredas para reconhecer que, no Renascimento e no Iluminismo, aqueles que passaram a ditar a moda intelectual europeia romperam decisivamente com o cristianismo tradicional [...] a opção mais típica foi a adesão a uma forma vaga de deísmo, concebendo Deus como um pouco mais que um supremo artífice que se ausenta do mundo após um ato inicial de criação. O deus deísta é simplesmente um relojoeiro que dá corda à sua obra e depois permite que ela tome rumo próprio. Deus pode até ter sido um criador, mas não é um mantenedor nem, muito menos um redentor. (Ibid., p. 30)

Nesse sentido, a cosmovisão cristã conduziu a idade média, até que com o advento da modernidade, essa cosmovisão foi substituída por uma cosmovisão secularizada, onde Deus não está mais presente. Na modernidade, segundo a cosmovisão deísta, o mundo é fechado, não necessitando de intervenções externas. Para estes, Deus até criou o mundo, mas não está presente nele. “Deus criou o mundo de uma maneira tão perfeita que imediatamente depois da criação ele pôde dar-se ao luxo de uma aposentadoria antecipada” (GOUDZWAARD, 2019, p. 47-48). Se na idade média Deus era aquele que dava sentido a humanidade, na modernidade Deus é expulso, logo, quem começa a reinar é o homem. A contribuição de Bob Goudzwaard sobre a transição dessas duas eras, contrastando com a doutrina da providencia (Idade Média) e o humanismo (Modernidade), esta abordagem é de extrema importância:

No devido tempo uma escolha inevitável teria de ser feita entre duas convicções divergentes: entre a crença que em última análise Deus direciona o destino da vida humana e a crença que é o próprio homem quem determina seu destino. Essa escolha nos apresenta uma nova barreira que teria de ser superada na transição da Idade Média para a emergência da sociedade capitalista moderna. Essa é a barreira da doutrina da providência divina como ela era ensinada e confessada na Idade Média. Muito mais estava envolvido nessa crença do que apenas uma generalização universal de que Deus dominava o mundo. Ela claramente implicava uma condenação da busca pela felicidade e pela prosperidade que tivesse por base a força e o potencial do homem. (Ibid., p. 44)

Progredindo nesse contexto, onde Deus é humanizado e o homem é divinizado, o ser humano se torna praticamente soberano, senhor do seu próprio destino, nessa ilusão de uma vida autônoma, onde Deus é desnecessário, Koyzis faz a seguinte declaração:

A capacidade de projetar e planejar o futuro vem de Deus e foi assim que ele nos criou. Nas ideologias, entretanto, esses objetivos adquirem vida própria. Antes de tudo, eles se fundamentam numa crença secular na autonomia humana, segundo a qual os seres humanos determinam o curso de sua própria vida sem qualquer referência à vontade de Deus [...] as ideologias se fundamentam numa única religião antropocêntrica, chamada humanismo ou, mais comumente, secularismo. O secularismo pode ser descrito como uma idolatria que, conforme seu nome indica, adora uma ou mais coisas criadas dentro do saeculum – a era presente. (KOYZIS, 2014, p. 39)

Portanto, para fechar esse fato sobre essa transição entre a idade média e a modernidade na sociedade ocidental, onde um mundo sem Deus era impensado, em que o cristianismo influenciava a vida em sociedade, quer as pessoas cressem ou não em Deus, James Sire faz a seguinte afirmação:

O cristianismo havia penetrado a tal ponto no mundo ocidental que, quer as pessoas acreditassem em Cristo ou agissem como cristãs, quer não, todas viviam no contexto de ideias influenciadas e informadas pela fé cristã [...] pessoas más podiam rejeitar o Deus do cristianismo; mas, sabiam, com base nos padrões cristãos básicos, que eram más – padrões entendidos grosso modo, sem dúvida, mas padrões de essência cristã. (SIRE, 2018, p. 34)

Não se pode avançar, sem antes destacar um último ponto sobre as características das bases das ideologias, o gnosticismo. “O gnosticismo tende a desprezar uma dimensão da criação de Deus e a atribuir status ontológico ao mal e à salvação, que passam a ser identificados com algo intrínseco à estrutura da própria criação. É exatamente isso que as ideologias fazem” (KOYZIS apud WOLTERS, 2014, p.37). Veja bem,

As ideologias tendem a localizar a fonte deste mal básico na própria criação [...] a ideologia além de tudo erige a sua própria antítese entre o bem e o mal. Assim a ideologia parece compactuar com a antiga heresia gnóstica, para o qual o mundo físico é intrinsecamente pecaminoso e a salvação é a libertação das restrições físicas. (Ibid., p.35)

É sobre este solo da Modernidade, sobre as bases dos ismos, Iluminismo, humanismo, deísmo, gnosticismo etc. é que as ideologias surgem na sociedade. O fundamento das ideologias contemporâneas são os mesmos, só que se apresentam hoje com uma nova roupagem. O ponto central do próximo tópico é identificar a relação da ideologia com a idolatria.

3. Cosmvisão e Ideolatria

“Ideolatria” é um termo que foi tomado emprestado da conferencia L’abri e movimento Mosaico em 2016. O termo visa mostrar, a partir do livro “Visões e ilusões políticas” do David T. Koyzis, a relação entre ideologia e idolatria.

Antes de qualquer coisa é necessário conceituar “cosmvisão”. O que é uma cosmvisão? Uma tradução comum desta palavra é “visão de mundo”, “é uma estrutura ou conjunto de

crenças fundamentais pelas quais enxergamos o mundo e nossa vocação e futuro nele” (SIRE apud OLTHUIS, 2018, p. 24), mas James Sire traz uma definição mais ampla:

Cosmovisão é o compromisso, a orientação fundamental do coração, que pode ser expresso em uma história ou um conjunto de pressupostos (suposições que podem ser verdadeiras, verdadeiras em parte ou de todo falsas) que mantemos (de forma consciente ou subconsciente, consistente ou inconsistente) sobre a constituição básica da realidade e que fornece o fundamento sobre o qual vivemos, nos movemos e existimos. (SIRE, 2018, p. 26)

Neste sentido, cosmovisão não é só sobre a forma que se vê o mundo, mas sobre como se vive no mundo. É um compromisso do coração, algo inevitável, seja individual ou coletivamente, todos tem uma visão de mundo.

Qual é a relação entre cosmovisão, ideologia e idolatria? Uma ideologia pressupõe uma cosmovisão, ou seja, uma metanarrativa da criação, queda e redenção. Cada ideologia possui a sua própria cosmovisão que concorre com a cosmovisão cristã, que é a essência do evangelho de Jesus Cristo. “A ideologia provém do comprometimento religioso (idolatra) de uma pessoa ou comunidade” (KOYZIS, 2014, p. 32). Leonardo Ramos afirma o seguinte:

Para obter êxito, a ideologia requer um novo horizonte, uma nova narrativa do mundo, uma nova estrutura de significado; em suma, uma nova cosmovisão. Para se tornar concreta em uma sociedade, a ideologia precisa de indivíduos, forças sociais e instituições que possam não apenas reproduzir, mas acima de tudo nutrir e fomentar a esperança de que ela é capaz de solucionar os problemas identificados na realidade. (RAMOS, 2009, p. 140)

Uma ideologia, assim como o evangelho, possui uma visão do bem e do mal e também da redenção. “A ideologia amadurecida é uma falsa revelação da criação, da queda e da redenção” (KOYZIS apud GOUDZWAARD, 2014, p. 34-35). É precisamente aqui que se identifica uma relação entre ideologia e gnosticismo, observe a citação a seguir e compare com a definição de Albert M. Wolters feita no início:

Uma vez que toda ideologia constrói sua própria antítese entre o certo e o errado, o bem e o mal, pode-se dizer que toda ideologia é baseada em uma Soteriologia específica, prometendo a redenção e a libertação de algum mal fundamental, visto como a origem de todos os males que acometem a humanidade. (RAMOS, 2009, p. 140-141)

Tendo sido apresentado o conceito de cosmovisão e a relação de ideologia com idolatria, no próximo tópico será feita uma apresentação resumida de cada ideologia política contemporânea.

4. Principais ideologias contemporâneas

Será apresentado resumidamente as principais ideologias de acordo com o livro “Visões e ilusões políticas” do David T. Koyzes, embora sabe-se que praticamente tudo pode se tornar uma ideologia. As ideologias não são de todo ruins, muitas vezes há boas intenções por trás, entretanto, o foco é destacar as suas fragilidades.

“No liberalismo, a individualidade dada por Deus – um dos bens da criação – se transforma num individualismo em que todas as instituições sociais são consideradas derivadas da volição dos indivíduos e sujeitas à soberania de suas vontades” (KOYZES, 2014, p.160). No liberalismo a liberdade individual se torna deus.

“No conservadorismo, a tradição, sem a qual não se pode viver como criaturas sociais em culturas particulares, passa a ser vista como soberana sobre toda a gama das atividades, associações e comunidades humanas” (Ibid., p. 160). No conservadorismo as tradições se tornam deuses.

“No nacionalismo, uma comunidade humana particular, conhecida por nação, recebe o status de divindade, e todas as demais comunidades são vistas como meras partes desse todo” (Ibid., p. 160). No nacionalismo a nação se torna deus.

“Democracia, embora seja sim uma forma de governo – e, provavelmente, a melhor atualmente disponível na nossa sociedade complexa e diferenciada –, ela pode assumir dimensões ideológicas na medida em que incorpora uma crença na quase infalibilidade da vox Populi – a voz do povo” (Ibid., p. 149). Na democracia a soberania popular se torna deus.

Socialismo. “O socialismo [...] afirma incorporar uma crítica social radical, prometendo mudanças fundamentais e, com elas, a salvação para a sociedade como um todo” (Ibid., p.189). “O socialismo, mesmo que seja teoricamente ante estatista, na prática tende a consolidar uma quantidade muito perigosa de poder nas mãos do aparato do Estado, com sua capacidade coercitiva” (Ibid., p.202). “Assim quando os partidos socialistas chegam ao poder, eles geralmente são levados a colocar a maior parcela possível da atividade econômica sob o controle do governo socialista dominante” (Ibid., p.203). Conclui-se que o socialismo tende a transformar o estado em um deus, pois via de regra, é por meio do Estado que os socialistas tentam levar a cabo os seus objetivos.

Toda ideologia tende a pressupor que a obtenção de algum fim – seja ele a liberdade pessoal, a libertação nacional ou a vontade geral – é motivo suficiente para defender políticas que podem, ainda que modestamente, tratar de modo injusto as pessoas comuns. Para os socialistas, esse fim supremo é a igualdade material (KOYZIS, 2014, p.204).

Foi exposto neste capítulo um resumo das principais ideologias políticas da modernidade; como não há espaço para expor cada uma delas detalhadamente, para isso seria necessário um outro artigo exclusivamente com esse objetivo. O próximo capítulo será dedicado para expor com mais detalhes uma dessas ideologias, o liberalismo.

4.1 Liberalismo e capitalismo

Afinal de contas o que é liberalismo? É esse um dos objetivos deste capítulo, conceituar liberalismo, mostrar os seus vários ramos e por fim tecer uma crítica ao capitalismo que é uma ideologia que o liberalismo pariu.

Primeiramente a que o termo “liberalismo se refere? Observe essa citação de David Koyzis:

No uso europeu, cuja precisão histórica é maior, o termo “liberalismo” se refere ao conjunto de doutrinas fundamentadas nos escritos de John Locke (1632-1704), Adam Smith (1723-1790), Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) e Immanuel Kant (1724-1804). [...] As ideias liberais contribuíram para a Revolução Americana, para a Revolução Francesa e para as revoluções europeias de 1848 (KOYZIS, 2014, p.54).

“O liberalismo propriamente dito surgiu no século 17 e 18, isto é, no auge da revolução científica e do programa cartesiano de construir uma ciência unificada com base em modelos matemáticos” (Ibid., p.58). É preciso também deixar claro que “o liberalismo é um fenômeno diversificado, como praticamente todas as demais ideologias” (Ibid., p.56). Não existe apenas um tipo de liberalismo, mas liberalismos, pois com o passar do tempo as ideologias sofrem mudanças. “As diferentes correntes liberais afirmam crenças distintas, devido sobretudo as contradições intrínsecas das ideologias” (Ibid., p.56). Para Alasdair MacIntyre “o debate contemporâneo se dá entre liberais conservadores, liberais liberais e liberais radicais” (KOYZIS Apud MACINTYRE, 2014, p.53).

Mesmo sabendo que a ideologia liberal não é uma crença homogênea, mas que sofre mudanças com o passar do tempo “elas compartilham um núcleo de crenças comuns que as definem como liberais” (Ibid., p.56). Então, qual é o credo liberal?

O liberalismo, como as outras ideologias [...] parte de uma crença fundamental na autonomia humana, que vai muito além de um simples apreço pela liberdade pessoal. Ser autônomo é dirigir a si mesmo, governar a si mesmo segundo a lei que se escolheu para si. [...] O liberalismo atribui essa autonomia ao indivíduo. [...] O primeiro e mais básico princípio do liberalismo é: cada um é proprietário ou dono de si mesmo e, portanto, deve ser livre para governar a si mesmo de acordo com as suas próprias escolhas, desde que essas escolhas não infrinjam o igual direito dos outros de fazer o mesmo (KOYZIS, 2014, p.56-57).

Podemos destacar algumas fragilidades ou contradições do liberalismo. Se o indivíduo é soberano e ao mesmo tempo de respeitar a soberania dos outros indivíduos, quem controla, limita ou responsabiliza quando o preceito liberal é violado? Provavelmente seja necessária uma autoridade política para tal tarefa.

Se os meus atos violam o direito de propriedade que os outros têm sobre si próprios, eu transgredi o primeiro preceito liberal e devo ser responsabilizado pelo que fiz. Entretanto, sem a autoridade política, não há uma maneira eficaz de implementar essa responsabilização. Este é o dilema central da autonomia individual que o projeto liberal é chamado a resolver (KOYZIS, 2014, p.57).

Uma outra fragilidade dessa ideologia é que ela simplesmente rejeita o sensu de comunidade que é intrínseco a cada indivíduo. O ser humano foi criado a imagem e semelhança de Deus e isto implica que ele é um ser criado para viver em comunidade. “O liberalismo tem dificuldade para digerir a verdade de que os seres humanos foram criados para a vida em comunidade” (Ibid., p.85). Sobre isto veja o que Andrew Fellows diz:

Como parte da essência de um Deus trino, fomos feitos para viver em comunidade. Nosso Deus existe em comunidade, e nós devemos reproduzir esta essência. Quando nos afastamos da vida comunitária nos tornamos menos do que do que fomos criados para ser. O valor da comunidade está em nos fazer lembrar do outro e nos levar para além do eu. Não existe comunidade onde há uma visão autocentrista do eu. [...] A modernidade criou um contexto sociológico que tem destruído a ideia de comunidade (FELLOWS, 2009, p.185).

O liberalismo assim como todas as ideologias, como foi visto anteriormente neste artigo, possui uma cosmovisão, e como toda cosmovisão pressupõe uma visão do que é o mal e a salvação.

O mal é localizado na autoridade heterônoma, ou seja, em qualquer autoridade que se origine fora da vontade do indivíduo – qualquer autoridade que advenha de uma coletividade cujas pretensões sejam independentes das vontades de seus membros. [...] Eles trabalham com o pressuposto implícito de que somos progressivamente redimidos à medida que os direitos da comunidade e da autoridade externa diminuem e a autoridade (leia-se: a liberdade) da vontade individual é maximizada (KOYZIS, 2014, p.85).

É possível resumir em dois pontos o fracasso do liberalismo. Em primeiro lugar “ele oferece uma falsa salvação baseado numa crença fundamentalmente religiosa na autonomia do indivíduo humano diante da autoridade política externa” (Ibid., p.86). Em segundo lugar “o liberalismo é incapaz de ver o Estado como uma comunidade dotada de autoridade e irredutível ao consenso voluntário dos indivíduos que a constituem” (Ibid., p.86). “A ênfase na propriedade produziu a opção preferencial do liberalismo clássico

pelo livre-mercado e sua aversão à intervenção governamental nas transações econômicas” (Ibid., p.64-65).

Avançando no estudo desta ideologia liberal, é necessário falar do lado econômico do liberalismo. “O lado econômico do liberalismo costuma ser chamado de capitalismo” (Ibid., p.65). O capitalismo é o grande responsável por desenvolver na sociedade uma cultura de consumo, que pode até ser comparado a um culto. O filósofo Walter Benjamin em seu livro “Capitalismo como religião”, organizado pelo sociólogo Michael Löwy, diz o seguinte:

O culto ao capitalismo comporta certas divindades que são objetos de adoração, como as notas de dinheiro (imagens dos santos), o dinheiro (deus Mammon) [...]. O capitalismo é a celebração de um culto sem trégua e sem piedade. Nenhum dia é comum, não há dia que não seja de festa [...], de pompa sagrada, de extrema tensão para o adorador (RAMOS Apud LÖWY, 2009, p.149).

O Capitalismo se apresentou a sociedade com promessas de salvação, promessas essas que não foram cumpridas. Ao invés de trazer igualdade, intensificou a desigualdade, colocando a maior parte da riqueza nas mãos de poucas pessoas ou grupos.

A sociedade em que vivemos é adepta de uma cosmovisão dinamista moderna, comprometida idolatricamente com a prosperidade e o progresso material ilimitado. Porém de forma paradoxal – e previsível, uma vez que segue as etapas de desenvolvimento do padrão da adoração idolatra –, tal cosmovisão tem se mostrado cada vez mais insegura e incapaz de resolver os males que se propõe a resolver (RAMOS, 2009, p.146).

O economista cristão Bob Goudzwaard em seu livro “Capitalismo e progresso aponta varias vulnerabilidades da cosmovisão capitalista; a vulnerabilidade do ambiente, do sistema e do homem ocidental. O espaço para descrever tamanha contribuição é limitado, mas, ele mesmo resume da seguinte forma:

Elas aparentemente ainda estão presas a ideia ingênua de progresso, que afirma que o aumento da renda pessoal e do luxo é a melhor garantia para a felicidade na vida. Mas também há inúmeras outras que sofrem sob o caráter fugaz e efêmero das relações humanas, sob a falta de significado em seu trabalho, sob o ritmo apressado da vida e sob o caráter intrusivo da publicidade (GOUDZWAARD, 2019, p. 169).

Enfim, ao longo deste trabalho foram apresentados vários problemas nas ideologias políticas. Reitero, todas essas ideologias tem pontos positivos e também negativos. A idolatria é quando as pessoas se entregam de corpo e alma a certa ideologia como se a solução dos dilemas e problemas da sociedade estivesse somente nas propostas desta ideologia. Como essas cosmovisões seculares são reducionistas e insuficientes tem que se apontar para uma outra direção que esteja além das ideologias. Uma direção que além da polarização política de direita, esquerda ou centro. Qual cosmovisão então é mais holística e trate com seriedade e profundidade os problemas sociais entre outros? Esse é o propósito do próximo capítulo, será apresentado a cosmovisão cristã como uma proposta não ideológica.

5. Cosmovisão cristã: uma proposta não ideológica

Tem sido exposto até aqui que as ideologias de modo geral, especialmente as políticas, são frágeis, ateístas e reducionistas. Elas não dão conta da realidade como um todo. Mas será que existe um tipo de visão política distintamente cristã e não ideológica?

É no calvinismo, mais especificamente o neocalvinismo holandês, “que uma teoria política caracteristicamente reformada se desenvolveu nos séculos 19 e 20. Essa teoria surgiu de início como uma resposta a revolução Francesa e às ideologias por ela promovidas” (Ibid., p.271). Os seus principais proponentes são Guilherme Groen Van Prinsterer, Abraham Kuyper e Herman Dooyeweerd. Kuyper é uma das figuras fundamentais do neocalvinismo; “ele não se contentou em definir a fé cristã somente em termos de teologia e igreja, mas expandiu em seu âmbito, encarando-a como uma abrangente levens-en wereldbeschouwing (visão de mundo e vida)” (Ibid., p. 274), ou seja, uma cosmovisão cristã.

Para os seguidores de Kuyper na Holanda, ser reformado significava assumir um compromisso com o desenvolvimento e a aplicação prática de uma cosmovisão marcadamente cristã, que incluía a política e outras áreas culturais e sociais. (Ibid., p.274)

É no neocalvinismo que se tem a visão da soberania de Deus sobre todas as esferas da vida. Veja as célebres palavras de Kuyper em suas palestras Stone proferidas na Universidade e seminário de Princeton em 1898:

Nem um único espaço de nosso mundo mental pode ser hermeticamente selado em relação ao restante, e não há um único centímetro quadrado em todos os domínios da existência humana sobre o qual Cristo, que é soberano sobre tudo, não clame: é meu! (CARVALHO, 2009, p.57)

Em outra ocasião, o mesmo Kuyper faz uma afirmação extremamente significativa sobre o serviço do cristão em todas as esferas da vida. Tudo o que o cristão faz, é feito diante da face de Deus (Coram Deo);

Onde quer que o homem esteja, seja o que for que faça, ou no que aplique a sua mão, na agricultura, no comércio, na indústria, ou sua mente, no mundo da arte, e ciência, ele está, seja onde for, constantemente diante da face de Deus, está empregado no serviço de Deus, deve obedecer estritamente a seu Deus e acima de tudo, deve ter como alvo a glória de Deus. (ANTÔNIO apud KUYPER, 2006, P.36)

Logo, uma política distintamente cristã e não ideológica, diferentemente das ideologias, que são ateístas, considera a autorrevelação de Deus e sua soberania sobre toda a criação. Ela considera Deus. A base da cosmovisão cristã é a revelação de Deus, Ele está presente e não pode ser desconsiderado. Preste atenção no que David Koyzis diz: “Toda realidade criada aponta para algo além de si. Os adeptos das diversas filosofias e ideologias seculares erram ao inverter a direção, buscando o objetivo do cosmos em seu próprio horizonte imanente” (KOYZIS, 2014, p.286). Ele continua dizendo: “qualquer criatura deliberadamente desvinculada do criador será inevitavelmente concebida de forma reducionista” (Ibid., p.284). Kuyper afirma o seguinte sobre a soberania de Deus e a fonte do direito eterno:

o calvinista mantém a soberania de Deus, como a fonte de toda autoridade entre os homens [...] ensina-nos a olhar por cima da lei existente para a fonte do direito eterno de Deus e cria em nós a coragem indomável para protestar incessantemente contra a injustiça da lei em nome deste direito superior. E embora o estado possa poderosamente afirmar-se e oprimir o livre desenvolvimento individual, acima deste Estado poderoso há sempre brilhando diante dos olhos de nossa alma, como infinitamente mais poderosa, a majestade do Rei dos reis. Seu tribunal justo sempre mantém o direito de apelação para todos os oprimidos, e para ele a oração do povo sempre sobe, para abençoar nossa nação e, na nação, nós e nossa casa. (KUYPER, 2014, p.97)

O governo soberano de Deus através de Jesus subverte e relativiza todas as autoridades terrenas; “a autoridade de César é secular [...] a autoridade de César no saeculum é transitória. Ele é o governante de ontem” (SMITH, 2020, p.99). “Cristo desarmou os poderes, os expôs publicamente, e deslegitimou suas afirmações de mediadores do último [...] Elas foram feitas vassalas da soberania divina na exaltação de Cristo” (Ibid., p.102). O’Donovan descreve esse evento como a “dessacralização das políticas pelo evangelho”:

Autoridades seculares não são mais, em seu sentido pleno, mediadores do governo divino. Eles medeiam apenas seus julgamentos. O poder que exercem ao derrotar seus inimigos, as possessões nacionais sob sua salvaguarda, são agora consideradas irrelevantes pelo triunfo de Cristo. Portanto, “o grito do céu que João ouviu ao soar a sétima trombeta”, ‘a soberania deste mundo passou para nosso Senhor e seu Cristo’, é essa irrupção escatológica – a mesma escatologia que permeia A cidade de Deus, de Agostinho – que reconfigura radicalmente a postura política cristã. (SMITH apud O’Donovan, 2020, p.102)

Uma postura política que seja compatível com a cosmovisão cristã, que não seja reducionista, transcende as ideologias e a polarização política contemporânea. Sobre isto, veja a abordagem que o Leonardo Ramos faz:

uma cosmovisão cristã estaria além dessa polarização ao adotar posturas mais à ‘direita’ do que a direita e mais à ‘esquerda’ do que a esquerda, mais ‘tradicionais’ que os tradicionais (com argumentos mais sólidos na defesa da família ou dos valores, por exemplo) e mais ‘revolucionárias’ que os revolucionários (com argumentos mais sólidos na defesa do oprimido, do explorado e do excluído). (RAMOS, 2009, p.147)

Uma cosmovisão distintamente cristã busca promover a justiça no mundo. “Todas as correntes políticas desejam que a justiça seja implementada, mas cada uma a concebe diferentemente, conforme seus respectivos pressupostos ideológicos” (KOYZIS, 2014, p.302). Veja o que Brunner afirma: “a visão cristã de justiça está inexoravelmente ligada à ordem divina da criação; justo é aquilo que se conforma à intenção criativa de Deus” (KOYZIS apud Brunner, 2014, p.305). Segundo o bispo Lesslie Newbigin:

Por causa pecaminosidade humana, temos a tendência de reivindicar mais do que o que nos cabe por direito, a tendência de transgredir os limites criados que caracterizam não somente os seres humanos, mas todas as criaturas de Deus. Isso acontece tanto com os indivíduos como quanto com as comunidades; e, na medida mesma em que acontece, a busca pela justiça adquire um caráter autodestrutivo [...] A sociedade saudável, marcada pelo que a Bíblia chama de shalom, é aquela na qual as várias esferas de atividade humana se desenvolvem de modo equilibrado e proporcional. Os indivíduos agem responsabilmente na sua esfera reconhecida de autoridade. (KOYZIS apud NEWBIGIN, 2014, p.305)

“Uma justiça pública, genuína e livre de distorções ideológicas, reconhece a pluralidade das coisas no mundo que Deus criou” (Ibid., p.312). Koyzis cita alguns exemplos sobre a forma adequada de exercer justiça nas várias esferas da vida dentre as quais destaco uma: “As empresas comerciais agem no sentido de satisfazer desejos genuínos, usando os recursos da terra de maneira responsável, administrando-os sem esgotá-los” (Ibid., p.305). Faz parte da missão do cristão neste mundo promover justiça; “o mandato de promover a justiça não está aberto à negociação, especialmente para quem afirma ser discípulo de Jesus” (Ibid., p.318); “cada ato que promove a justiça, seja ele na política ou em qualquer

outro âmbito da atividade humana, aponta para a plenitude final do reino da justiça de Deus no novo céu e na nova terra” (Ibid., p.322).

Considerações Finais

Portanto, todas as ideologias são idolatria e, nesse sentido, os cristãos não devem abraça-las. O cristão de acordo com esta pesquisa deve ser um ateu político. Pois a cosmovisão cristã produz no indivíduo ou em uma comunidade uma esperança que transcende o mundo material, a polarização e as ideologias.

Aqueles que abraçaram a cosmovisão cristã andam em outra direção, oposta as ideologias. A redenção não está no Estado, como creem os socialistas. Não está na nação como dizem os nacionalistas. Nem na soberania popular, sabe-se que nem sempre a voz do povo é a voz de Deus. A salvação e a felicidade da sociedade não estão no capitalismo, no consumo ou no dinheiro; muito menos no indivíduo em si como prega o liberalismo. A nossa confiança e esperança está em Cristo que é o único Senhor. Nossas respostas vêm do evangelho.

Os cristãos acreditam que embora participem da redenção da criação, esse mundo caminha para uma degradação e não progresso ou evolução. Enquanto essa sociedade secularizada deposita sua esperança na política, em uma visão de progresso, no capitalismo (dinheiro), no Estado ou no próprio ser humano, os cristãos depositam sua esperança em Cristo, que é o único e verdadeiro salvador. Para o cristão a esperança é escatológica e aponta para a consumação em Cristo Jesus, que é quem de fato vai banir de forma definitiva o mal, as injustiças e desigualdades presentes em nossa sociedade. Esse processo de redenção da criação já foi iniciado com a inauguração do Reino de Deus na ressurreição do seu Filho.

Cada cristão está espalhado pelas várias esferas da sociedade como agentes do reino de Deus, incumbidos com a missão de redimir todas as esferas da sociedade: cultura, ciências, artes, política etc.

Referências

AGOSTINHO, Santo. Confissões. São Paulo: Paulus, 1997.

BÍBLIA, Português. Bíblia Sagrada Almeida Século 21: Antigo e Novo Testamento – São Paulo: Vida nova, 2013.

CARVALHO, Guilherme. RAMOS, Leonardo. Fé cristã e cultura contemporânea. Viçosa-MG: Ultimato, 2009.

_____. Cosmovisão Cristã e transformação. Espiritualidade, razão e ordem social. Viçosa, MG: Ultimato, 2006.

DRISCOLL, Mark. Quem você pensa que é? Encontre sua verdadeira identidade em Cristo. São Paulo: Mundo Cristão, 2014.

GOUDZWARD, Bob. Capitalismo e progresso: um diagnóstico da sociedade ocidental. Viçosa-MG: Ultimato, 2019.

KELLER, Timothy. Deuses Falsos: desmascarando as promessas vazias do sexo, do poder e do dinheiro. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2016.

_____. Devocional do Catecismo Nova Cidade: a verdade de Deus para nossos corações e mentes. São José dos Campos, SP: Fiel, 2017.

KOYZIS, David T. Visões e ilusões políticas: uma análise e crítica cristã das ideologias contemporâneas. São Paulo: Vida Nova, 2014.

KUYPER, Abraham. Calvinismo. São Paulo: Cultura Cristã, 2014.

LEWIS, C. S. As crônicas de Narnia. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

SIRE, James W. Universo ao lado: um catálogo básico sobre cosmovisão. Brasília-DF: Editora Monergismo, 2018.

SMITH, James K. A. Aguardando o rei: reformando a teologia pública. São Paulo: Vida nova, 2020.

_____. Você é aquilo que ama: o poder espiritual do hábito. São Paulo: Vida Nova, 2017.